

MÍDIA IMPRESSA NA ESCOLA: O JORNAL COMO CATALISADOR DE LETRAMENTO(S)

Valéria Rios Oliveira Alves

Thaís Nascimento Santana Santos

Resumo: Neste trabalho, descreve-se e analisa-se uma experiência de ensino que teve como objetivo a produção de um jornal escolar em uma escola pública da rede municipal de ensino de Jacobina, interior da Bahia. Nossa pesquisa, de caráter interpretativista e natureza qualitativa, toma como corpora o projeto pedagógico elaborado pelas pesquisadoras e o produto final do projeto, o jornal *Diário Escolar*. Nossa análise é feita com base nos estudos e pesquisas realizadas nos últimos anos em torno do trabalho pedagógico com gêneros textuais e sobre os letramento(s). A fundamentação teórica encontra sustentação em Bonini (2011); Dionísio (2011); Kleiman(2007); Rojo (2004); Marcuschi (2009), entre outros. É possível concluir através dessa pesquisa que o trabalho com mídia impressa na escola funciona como um catalisador para a produção de gêneros textuais diversificados, transformando o aprendizado da leitura e da escrita em uma experiência produtiva e significativa para as aprendizagens em sala de aula.

Palavras-chave: Jornal. Gêneros textuais. Letramentos. Ensino de Língua Portuguesa.

1 Introdução

A iniciativa de se levar para o contexto de sala de aula materiais desenvolvidos para outros fins, que não sejam propriamente o didático, é relativamente nova. Durante muitos anos, perdurando até os nossos dias, o livro didático tem sido o instrumento centralizador e organizador das práticas de ensino de inúmeros professores nas diversas escolas públicas e particulares do país.

Os contextos sociais produzidos nessa era tecnológica que hoje experienciamos gera novas formas de interação entre os sujeitos a cada dia. Entendemos, assim, que a escola enquanto instituição responsável pela formação integral dos cidadãos precisa também preparar os alunos para participarem das diferentes situações de comunicação mediadas pelas tecnologias.

A necessidade de adaptação da escola à era digital tornou imperativa a formação adequada dos professores para lidarem com o aparato tecnológico que permeiam o cotidiano fora dos muros escolares. Diante das possibilidades hoje apresentadas para o trabalho com as diversas mídias na escola, escolhemos para aprofundar nossos estudos o trabalho pedagógico com a mídia impressa, o jornal.

Diversos autores ligados a diferentes áreas do conhecimento têm se debruçado acerca da relevância do ensino de escrita com jornais. Em nosso trabalho, tomaremos como referencial teórico, estudiosos da área de Educação e, principalmente da Linguística que têm focalizado a relevância do ensino de linguagem por meio dos gêneros textuais, a saber, Bonini (2011); Dionísio (2011); Kleiman (2007); Marcuschi (2009); Rojo (2009); entre outros. Esses autores, no decorrer de muitos anos, têm defendido um ensino significativo de língua, que não se baseie apenas nas análises do código linguístico com o fim em si mesmo, pelo contrário, propõem um ensino significativo e contextualizado através do qual o aluno tenha oportunidade de ler e produzir textos empíricos, com funções sociais determinadas por situações comunicativas legítimas.

Neste trabalho, trazemos, portanto, o relato de experiência de um projeto de construção de um jornal escolar e analisamos os resultados dessa intervenção com base na literatura disponível sobre ensino de língua, gêneros textuais e dos letramentos envolvidos, tendo como objetivo principal identificar e analisar as práticas de letramentos envolvidas nas atividades propostas em tal projeto de intervenção didática. As questões que norteiam nosso trabalho são: De que maneira o trabalho pedagógico com o jornal pode contribuir para o(s) letramento(s) dos alunos? Que contribuições o estudo de textos jornalísticos na escola podem trazer para a formação crítica e reflexiva dos alunos?

Para fins de organização, nosso artigo está dividido em quatro seções principais, dentro das quais apontamos o aporte teórico e também as perspectivas metodológicas que nortearam nosso trabalho, além de apresentar um breve relato e as análises a que chegamos com base nos textos teóricos basilares desta pesquisa.

2 Reflexões em torno da teoria que nos sustenta

Nesta seção, apresentamos uma síntese dos principais referenciais teóricos que embasam nossas análises. As teorias que nos orientam estão ancoradas nas discussões em torno da utilização da mídia impressa, especificamente o jornal, na sala de aula; concepção de língua e ensino de língua; gêneros textuais e sua funcionalidade, levando-se em conta as práticas de letramento suscitadas por eles. Cada uma dessas teorias será discutida nas subseções que seguem.

2.1 Sobre o ensino de língua, os gêneros textuais e as práticas de letramento

A temática dos gêneros discursivos/textuais, embora não seja nova, tem sido recorrente em pesquisas brasileiras, especialmente após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), documento que endossa o uso dos gêneros orais e escritos como objeto privilegiado de ensino e de estudo nas escolas do país, e não mais a gramática descontextualizada e fragmentada como centro das atenções nas aulas de português. Nesse caminho, inúmeros estudos foram desenvolvidos acerca do ensino com base nos *gêneros*, de forma que, aos poucos, o termo foi sendo incorporado aos livros didáticos de Língua Portuguesa, tomando lugar central nas discussões acerca do ensino, numa perspectiva funcional.

Embora a palavra *gêneros* já fosse utilizada, anteriormente a Bakhtin, pela retórica e pela teoria literária em sentido mais estrito para identificar os gêneros clássicos, é o filósofo russo, no início do século XX, que emprega pela primeira vez esse termo com um sentido mais amplo para referir-se também aos textos que produzimos em situações cotidianas, reconhecendo que “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da linguagem elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”. (BAKHTIN, 2003, p. 262, grifo do autor)

A partir dessa noção de gênero em Bakhtin, ao longo dos anos, esse conceito tem sido revisitado e reelaborado sob distintas perspectivas de estudo, tais como, as abordagens sócio-semióticas, as abordagens sócio-retóricas e as abordagens sócio-

discursivas, sendo as principais correntes dentro do escopo que hoje se apresenta enquanto teoria dos gêneros.

Por conta destas variadas abordagens teóricas, julgamos relevante esclarecer a que nos referimos, neste trabalho, quando falamos em gênero textual. Assim, tomamos como referencial a abordagem sócio-discursiva, fundamentada nos estudos bakhtinianos que concebem os gêneros não como estruturas rígidas, engessadas dentro das quais os textos se organizam, mas como formas de ação social nas diferentes esferas de atividades humanas.

Dentro dessa perspectiva, Marcuschi (2009, p. 23) define os gêneros como

[...] os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Sendo assim, muito além de construtos estruturalmente rígidos, entendemos que os gêneros orais e escritos organizam-se ou agrupam-se, a partir das funções que cumprem socialmente. Desse modo, é de fundamental importância para os sujeitos apropriarem-se dos diversos gêneros textuais que circulam nos variados contextos sociais, a fim de que possam participar efetivamente das atividades ao seu redor.

Refletindo acerca da concepção de gêneros em Bakhtin, Brait (2000, p. 20) lembra que,

Não se pode falar em gêneros sem pensar na esfera de atividades em que eles se constituem e atuam, aí implicadas as condições de produção, de circulação e de recepção. Isso é muito mais importante e constitutivo do gênero discursivo, segundo Bakhtin, que as seqüências de um texto, das quais várias tipologias textuais dão conta, não tocando, entretanto, em esferas de atividades ou modos de circulação, o que descaracteriza a perspectiva sócio-histórica de gênero discursivo.

Se pensarmos especificamente nos gêneros escritos, por exemplo, e no papel social que estes exercem em nossos dias, veremos que praticamente todas as atividades em que nos envolvemos cotidianamente, no trabalho, na escola, no convívio com familiares, na vida burocrática e na atividade intelectual, estão

permeadas por textos escritos: correspondências comerciais, e-mails pessoais, formulários, relatórios, e inúmeros outros que organizam nossas ações linguísticas.

Dessa forma, entendemos que a apropriação dos gêneros, concebendo-os enquanto práticas sociodiscursivas, ou ainda, práticas de letramentos, seja um importante instrumento para inclusão e empoderamento social do sujeito, uma vez que amplia sua competência linguística, permitindo-lhe inúmeras formas de participação na sociedade que só são possíveis fazendo uso da linguagem. (cf. MATÊNCIO, 2008) Tais práticas sociais

Concordamos, também, com Kleiman (2007, p.8), ao defender que “[...] a prática social não pode senão viabilizar o ensino do gênero, pois é seu conhecimento o que permite participar nos eventos de diversas instituições e realizar as atividades próprias dessas instituições com legitimidade.”

Partindo desse pressuposto, há muitos anos, pesquisadores do campo linguístico, defendem que o ensino de língua não deve ignorar as relações sociais imbricadas nas situações de uso da linguagem, pelo contrário, deve ocupar-se prioritariamente delas. Assim, propõem que o ensino de fragmentos descontextualizados, centrado exclusivamente nas nomenclaturas gramaticais, dê lugar a um ensino reflexivo dos usos da língua em seus contextos de produção, a fim de formar sujeitos capazes de operar linguisticamente nas diversas situações de interação.

2.2 A mídia impressa na sala de aula

Embora em alguns contextos a leitura de jornais impressos pareça uma prática ultrapassada (diante das várias opções multimidiáticas de acesso à informação) em muitos outros, a leitura de jornais ainda pode ser considerada uma novidade, uma experiência inaugural, que se não for vivenciada na escola, muito provavelmente não ocorrerá em outros espaços.

A escola em que aplicamos o projeto em 2010 é uma escola de médio porte da rede municipal de ensino de Jacobina-BA, localizada em um bairro periférico e que atende a alunos deste mesmo bairro e, em grande parte, alunos de baixa renda e advindos da zona rural. Por este motivo, pareceu-nos relevante iniciar esses alunos em uma prática de leitura que os aproximasse da realidade, não limitando o

nosso trabalho da disciplina de Língua Portuguesa às leituras literárias. Propomos, então, um projeto de leitura e escrita, envolvendo alunos de diferentes séries que culminaria na produção de um jornal escolar.

Justificamos o valor da proposta desenvolvida, concordando com as palavras de Bonini (2011, p. 53) quando afirma que,

O estudo dos gêneros jornalísticos [...] apresenta uma grande relevância social. As pesquisas desse tipo trazem subsídios não só para a formação e atuação profissional (de jornalistas e professores de línguas, por exemplo) como também para a educação e a formação do cidadão crítico e habilidoso no manejo de tais manifestações, já que toda a sociedade é afetada por elas.

Assim, entendemos que nosso trabalho pode contribuir para ratificar, uma vez mais, a importância do uso da mídia impressa como instrumento de ensino, tornando-o significativo, na medida em que a leitura e a escrita passam a ser abordadas na sala de aula, a partir de textos que, de fato, circulam socialmente.

3 Aspectos metodológicos

Considerando o tipo de pesquisa, suas especificidades para constituir o *corpus* e os caminhos para analisar os dados, entendemos que esta se enquadra no paradigma interpretativista, sendo de natureza qualitativa. André (1995) defende que dentro da pesquisa qualitativa existem três tipos: pesquisa do tipo etnográfico, estudo de caso e pesquisa-ação. Embora estes tipos de pesquisas sejam semelhantes por terem características afins, em algum momento se distanciam por levarem consigo particularidades que os diferenciam. Esta investigação segue o caminho da pesquisa-ação, pois este tipo de pesquisa “[...] envolve sempre um plano de ação, plano esse que baseia em objetivos, em processo de acompanhamento e controle da ação planejada e no relato concomitante desse processo”. (ANDRÉ, 1995, p. 33).

Levamos em conta, aqui, também nossa interferência na construção do objeto de pesquisa, pois tanto a elaboração, quanto a execução, e posterior análise do projeto em foco, se deram com a nossa participação. Exercemos, portanto, ao mesmo tempo, o papel de pesquisador e participante. Nos termos propostos por

Morin (2004, *apud*. BAZARIM, 2008, p. 59) nestes casos, pode se tratar de uma Pesquisa-Ação Integral e Sistêmica (PAIS) que prevê a utilização de outras metodologias como a etnografia.

Entendemos ser este o nosso caso, pois de acordo com Bazarim (2008), tal opção metodológica exige não apenas que o investigador participe enquanto observador, mas que ele se implique como ator, assim, o pesquisador participa (e intervém) na ação que está sendo objeto de estudo e também assume papel de analista. Daí nossa opção pelo paradigma interpretativista de cunho qualitativo, por admitir esse envolvimento do pesquisador com seu objeto.

Na seção subsequente, apresentamos um relato reflexivo de nossas atividades no projeto já mencionado, ao mesmo tempo em que utilizamos referenciais teóricos para analisar, em tais atividades, as práticas de letramento(s) que lhe são subjacentes.

4 A mídia impressa na Escola Municipal Yêda Barradas Carneiro: relato reflexivo

O projeto de intervenção didática intitulado “Jornal na escola” foi elaborado em 2010, quando uma das autoras cursava o módulo intermediário do Mídias na Educação e a outra engajava-se em sua pesquisa de mestrado em Linguagem e Ensino que tomou esse projeto como *corpus* de seu estudo. Naquele ano, atuávamos como professoras, a primeira na educação básica e a segunda na universidade, estando ambas vinculadas àquela unidade de ensino em virtude de tais atividades, a saber, o ensino e a pesquisa.

A escolha por uma mídia impressa se deu pelas condições que vivenciávamos naquele momento na Escola Municipal Yêda Barradas Carneiro, que não dispunha ainda de laboratório de informática, computadores ou acesso à internet, e também, por uma preferência pessoal, por entender a relevância da leitura dos textos jornalísticos para a formação crítica do aluno.

Este projeto teve como foco o trabalho com jornal, enfatizando as práticas de leitura e escrita de gêneros jornalísticos, de modo que o produto final esperado seria a produção de um jornal escolar, que serviria de suporte aos textos produzidos pelos alunos. Partindo da aproximação dos textos trabalhados nas aulas de português com

os textos que circulam socialmente, pretendíamos criar na escola um ambiente propício ao desenvolvimento das práticas de letramento que envolvessem a mídia impressa.

Entendíamos ali, a necessidade do trabalho contextualizado do ensino de língua portuguesa com as práticas comunicativas do cotidiano social e a urgência de incluir no currículo, atividades que permitissem aos alunos conhecer e reconhecer os diferentes gêneros que circulam cotidianamente, inserindo-os em práticas sociais de leitura e escrita. Além disso, era nossa intenção, inserir as tecnologias de informação e comunicação na escola, a fim de propiciar momentos de leitura e produção textual que se aproximassem de situações reais de comunicação, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem da língua a partir de textos.

Nossa proposta tinha os seguintes objetivos traçados:

Quadro 1. Objetivos do projeto

Objetivo Geral:

- Favorecer situações significativas de leitura e escrita a partir do estudo e produção de textos jornalísticos.

Objetivos Específicos:

- Utilizar Tecnologias de Informação e Comunicação para aproximar as aulas de português de situações comunicativas reais.
- Envolver e integrar professores de diversas áreas em uma produção textual interdisciplinar: jornal escolar.
- Reconhecer a importância das TIC, em especial jornais e revistas de informação na formação de opinião do leitor.
- Desenvolver a consciência crítica diante do que se lê.
- Compreender as partes constitutivas de um jornal escolar.
- Ler, estudar e produzir gêneros textuais da esfera jornalística.
- Construir um jornal escolar com os textos produzidos pelos alunos.

Para dar conta desses objetivos, nosso planejamento foi pensado para todo um bimestre letivo, envolvendo cerca de dez etapas que partiram da leitura de

jornais pelo simples prazer de ler, até a análise de alguns gêneros constitutivos de jornais locais e regionais e, enfim, a produção do *Diário escolar*, nome dado pelos alunos ao jornal que eles mesmos produziram. Vale ressaltar que outras turmas e professores foram mobilizados no mesmo projeto, a fim de que toda a escola pudesse participar da publicação.

4.1 Análise das intervenções do projeto: que práticas de letramentos se evidenciam?

Sendo muitas as etapas que constituíram nosso projeto, selecionamos três atividades (as quais denominamos intervenções) para análise neste artigo. Passamos, então, a descrevê-las e analisá-las.

Na primeira intervenção, “(Re) conhecendo um jornal” foram distribuídos jornais para a classe, a fim de serem manuseados e lidos. Nessa etapa, os alunos deveriam observar, com a orientação da professora, a organização estética e funcional do jornal, seus cadernos e as características inerentes ao jornal impresso, estabelecendo relações com os formatos digitais. Esse contato inicial seria fundamental para o desenvolvimento das demais tarefas que culminariam na escrita dos gêneros jornalísticos.

Segundo Kleiman e Moraes (1999), o reconhecimento do gênero a que pertence um texto fornece uma chave para sua interpretação. Sendo assim, para participar da produção de um jornal escolar, era indispensável que os alunos se apropriassem dos gêneros pertencentes a esta esfera discursiva começando pela leitura dos textos jornalísticos, e sendo posteriormente expostos às suas características composicionais, tanto aspectos formais quanto semânticos, a fim de que se tornassem proficientes na escrita destes textos.

Nessa etapa, foi possível evidenciar diferentes práticas de letramento, de um lado o letramento escolar, já que os textos jornalísticos foram para a sala de aula com o propósito de serem estudados; de outro, o letramento midiático, uma vez que esses textos foram levados em seu suporte original, isto é, os alunos puderam ler os gêneros jornalísticos em seu ambiente natural, o próprio jornal impresso, e não através de livros didáticos ou cópias que tornariam essa leitura mais artificial.

É importante ressaltar que, para boa parte da turma, aquele era o primeiro contato com jornais impressos, o que podia ser facilmente percebido pela dificuldade que apresentaram em manusear os cadernos e encontrarem os textos que desejavam ler. Por conta disso, tornou-se necessária uma orientação mais específica sobre a organização temática nos jornais e sua divisão em cadernos, além de chamar a atenção dos alunos para detalhes característicos do jornal que facilitariam sua busca, como a leitura da primeira página, por exemplo, onde se encontram as chamadas para as matérias publicadas. Nesse aspecto, podemos considerar que as práticas envolvidas nesta primeira intervenção, significaram a inserção dos alunos em uma prática letrada que não fazia parte de suas vivências.

A segunda intervenção, “Aconteceu: virou notícia”, envolveu a integração de diferentes mídias, além do jornal, foram utilizados a TV e o vídeo, pois o objetivo era conhecer alguns aspectos formais necessários para a iniciação à leitura do gênero notícia, a partir da leitura e estudo de suas características em textos orais (jornal televisivo) e escritos (jornal impresso). Nesse momento, os alunos teriam a possibilidade de observar os dois contextos de circulação dos gêneros do jornal e comparar as diferentes situações de produção desses textos.

Após a apreciação de notícias e reportagens televisivas em casa durante o período de uma semana, os alunos teriam a responsabilidade de apresentar, em grupos para os colegas, as notícias mais marcantes da semana, descrevendo em detalhes como os jornais da TV comunicam e quais os recursos utilizados pelos jornalistas e repórteres para informar. Em seguida, os alunos deveriam observar e ler os jornais impressos daquela semana levados para a sala de aula pela professora e comparar as diferenças entre as mídias impressa e televisiva.

Para sistematizar as características da notícia, o exercício proposto foi localizar, em notícias escolhidas pelos alunos, as respostas das seis perguntas básicas que constituem esse gênero textual: Quem? O quê? Onde? Quando? Como? Por quê?

Evidencia-se nessa intervenção, mais uma vez, o letramento escolar, ao transformar uma prática de leitura em exercício para fins pedagógicos, ou seja, ensinar o gênero notícia. Não se pode dizer que esta seria uma atividade reducionista, uma vez que estava sendo realizada em função de um propósito maior,

a produção de textos semelhantes para a publicação em um jornal, o que motivou os alunos para aprender. Também é notório o envolvimento do letramento visual, pois ao comparar os dois suportes de divulgação dos textos (impresso e televisivo) os estudantes puderam perceber os recursos visuais que cada meio de comunicação utilizam para informar o leitor/telespectador, como, imagens estáticas/imagens em movimento, texto escrito/texto falado, recursos gráficos (cores, tamanho da fonte), ou ainda, recursos de áudio.

Entendemos essa intervenção como uma etapa muito rica em conhecimentos dentro de nosso projeto, por levar em conta a multimodalidade presente tanto no jornal impresso, quanto no televisivo. Concordamos com Dionísio (2011, p. 139) quando afirma que

Na sociedade contemporânea, à prática de letramento da escrita, do signo verbal, deve ser incorporada a prática de letramento da imagem, do signo visual. Necessitamos, então, falar em letramentos, no plural mesmo, pois a multimodalidade é um traço constitutivo do discurso oral e escrito.

A terceira e última intervenção a ser analisada neste texto, “Entendendo as partes: a manchete” dava sequência a nossas atividades de ensino do gênero notícia. Enquanto outros professores das demais turmas trabalhavam, concomitantemente, outros gêneros que faziam parte do jornal da escola, nossos alunos eram expostos mais especificamente aos gêneros notícia e reportagem, daí a necessidade de trabalharmos cada parte da composição e estrutura desses textos para sua posterior produção.

Nessa etapa, nosso propósito era o de conhecer as características das manchetes e aprofundar o conhecimento dos alunos acerca da relação texto/imagem nos jornais, a partir da leitura e análises de jornais da semana. Para essa atividade, os alunos receberam imagens recortadas das primeiras páginas de jornais locais e regionais, para as quais deveriam imaginar as notícias que estariam relacionadas, criando uma manchete adequada para tais imagens. Esse exercício foi importante para que a turma percebesse a inter-relação escrita/imagem, chegando-se à conclusão que as imagens são constitutivas dos textos e não uma mera ilustração que poderia ser descartada sem prejuízo para a construção dos sentidos.

Dionísio (2011) chama a atenção para a variedade de recursos tecnológicos a serviço da comunicação humana na sociedade atual que permite uma infinidade de manipulações gráficas e conseqüentemente de novas formas de apresentação da escrita. Os infográficos são, para a autora, uma das criações em alto crescimento no jornalismo impresso e em outros meios, que está alterando a forma de apresentação da escrita na nossa sociedade. Segundo Harris e Lester (2002, *apud.* DIONÍSIO, 2011, p. 146), o infográfico é uma das mais sofisticadas formas de explicar complexas histórias ou procedimentos, porque combina palavras com imagens, quando palavras apenas poderia ser cansativo para os leitores e a imagem apenas seria insuficiente.

Pode-se perceber, então, que o trabalho proposto nessa intervenção, deu conta de analisar os recursos visuais presentes nos gêneros selecionados, dando aos alunos a possibilidade de ampliar seus níveis de leitura em textos com alto grau de informatividade visual, de forma dinâmica e prazerosa.

As intervenções que seguiram as atividades aqui analisadas foram voltadas para a produção escrita dos textos que fariam parte da publicação final. Assim, muitas aulas foram dedicadas, ainda, à escolha dos temas mais relevantes para a comunidade escolar, escolha do nome do jornal, escrita e reescrita dos textos, divisão da turma por gênero textual a ser produzido, etc.

A diagramação foi um processo à parte, pois com a ausência de computadores na escola e com a falta de habilidade dos alunos com programas de edição de texto e formatação, essa etapa foi realizada pelos professores da escola envolvidos no projeto.

O produto final desse trabalho foi o *Diário escolar*, jornal impresso em papel próprio com tiragem de 500 cópias que foram distribuídas na escola e no bairro, além de ser entregue em todas as escolas da rede municipal. Apresentamos na seqüência um quadro com os diversos gêneros jornalísticos que compuseram o jornal produzido pelos alunos.

Quadro 2. Gêneros textuais produzidos para o jornal

Gênero textual	Responsáveis pela escrita
----------------	---------------------------

Editorial	Coordenadora pedagógica
Reportagem de 1ª página	Alunos da 7ª série (8º ano)
Charge	Aluno da 7ª série (8º ano)
Horóscopo	Alunos da 7ª série (8º ano)
Poemas	Alunos da 5ª série (6º ano)
Quadrinhos	Alunos da 6ª série (7º ano)
Reportagens curtas (moda, esporte, meio-ambiente)	Alunos da 7ª série (8º ano)
Piadas	Alunos da 5ª série (6º ano)
Lista com indicação de livros	Alunos da 7ª série (8º ano)

5 Considerações finais

Acreditando no que já foi dito sobre a necessidade de adquirir e ampliar as práticas de leitura e escrita, importa que a escola volte-se para um ensino de língua que tenha por finalidade os múltiplos letramentos, isto é, a apropriação da dimensão social do uso da linguagem.

Como já dissemos, as atividades didáticas analisadas neste trabalho, fizeram parte de um projeto de intervenção, elaborado e desenvolvido por nós, que tinha por finalidade a produção de um jornal escolar pelos alunos. Nessa situação de ensino, as teorias do letramento e dos gêneros textuais podem estar imbricadas, uma vez que ao propor esta tarefa aos alunos, o professor coloca em jogo no ensino de língua textos empíricos, viabilizando a vivência de práticas sociais de leitura e escrita. O jornal entra em cena nas aulas de português, como provocador de leituras e como catalisador de produção de gêneros que transcendem ao domínio escolar.

No anseio de superar o lugar-comum das redações escolares - textos sem funcionalidade comunicativa, elaborados apenas para a leitura e apreciação do professor - o ensino do texto através dos gêneros tem adentrado as aulas de língua, aproximando as produções escolares dos textos que existem fora dos muros da

escola. O uso desses textos como base para a leitura e produção ganha maior relevância na medida em que os alunos são levados a vivenciar a linguagem em situações específicas de comunicação.

No caso particular da proposta de produção de um jornal escolar - que prevê grande diversidade de práticas de letramento, tais como, leitura, discussão, estudo de gêneros, escrita e reescrita de textos com propósitos determinados em uma situação determinada -, podemos considerá-la como um projeto de letramento, definido nas palavras de Kleiman (2000, p. 238), como:

[...] um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade.

Diante disso, podemos inferir que o ensino de gêneros, tendo como ferramenta didática o jornal, torna possível a prática de leitura e de produção textual situada, além de possibilitar o desenvolvimento de letramentos diversos, afora o letramento da letra/livro, por convocar os alunos leitores e também os professores ao desafio da leitura imagética e da compreensão de inúmeras outras linguagens que compõem esse tão rico veículo de informações que é o jornal.

Referências

ANDRÉ, M. E.D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas-SP: Papirus, 1995.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAZARIM, M. Metodologias de pesquisa aplicadas ao contexto de ensino-aprendizagem de línguas. In: **Cadernos do CNLF**, vol. XII, nº 5. Rio de Janeiro, CiFEFiL, 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiicnlf/05/04.pdf>, acesso em 20 nov. 2012, p. 51-62.

BONINI, A. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. . In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.) **Gêneros textuais: reflexão e ensino**. São Paulo: Parábola editorial, 2011, p. 153-68.

BRAIT, B. PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. In: ROJO, R. (org.) **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN's**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000, p. 15-25.

BRASIL. Secretaria da Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006, volume 1.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.) **Gêneros textuais: reflexão e ensino**. São Paulo: Parábola editorial, 2011, p. 137-152.

KLEIMAN, Ângela B. O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, A. B.; SIGNORINI, I. **O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KLEIMAN, A. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Revista Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, dez, 2007, p. 1-25. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/242/196>. Acesso em 10 jan. 2013.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

MATENCIO, M. L. M. Gêneros do discurso e apropriação de saberes: (re)conhecer as práticas languageiras em sala de aula. In: **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, v. 8, n. 3, p.541-562, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0803/080306.pdf>. Acesso em 08 ago. 2012.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

SOARES, M. B. Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, Set/Out/Nov/Dez, p. 5-16, 1995.